

## Música e Oxitocina

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Música e Oxitocina. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 129-131. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Música e Oxitocina

Essa crônica começa com uma ovelha parindo. Segundo consta, logo após o nascimento do filhote, o bulbo olfativo da mãe (localizado em seu cérebro) é banhado intensamente pelo hormônio oxitocina. Com isso, o cheiro do bebê-ovelha será marcado de forma especial em seu cérebro, garantindo a preferência do aleitamento para o recém-nascido.

A oxitocina tem inúmeros papéis e funções, que vão desde o estímulo às contrações do parto, até o fluxo de leite para os recém-nascidos. Todavia, o papel fixador de uma certa percepção-memória foi o que levou um pessoal de neurofisiologia a afirmar que tal seria o caminho das pedras para entender a vinculação emocional entre os humanos e suas músicas, especialmente no que se refere à intensificação do laço social propiciado por experiências musicais comuns.

Pesquisas conduzidas nessa direção revelam uma atuação importante da oxitocina em ‘apagar’ memórias anteriores e simultaneamente facilitar o processamento/arquivamento de novas memórias, sendo, dessa forma, o cimento entre os eventos significativos e suas lembranças. Mas isso acontece com eficácia muito maior em momentos de clímax ou de êxtase. Tem inclusive um caso famoso...

Certa vez, Pavlov havia treinado vários cães com aqueles choques e recompensas que todos conhecem – e que são a base do behaviorismo e do capitalismo moderno –, mas, um dia, houve uma inundação no laboratório. Pasmem: os cães esqueceram tudo. A cul-

pa foi da oxitocina que apagou as memórias por causa da situação de pânico.

A conclusão interessante é que o mesmo acontece para o outro lado, na direção da experiência gratificante ao extremo. Se um casal de amantes se liga numa determinada música, vai estar facilitando a subida do hormônio e a fixação emotiva especial de cada um na memória do outro. O mesmo vale para a comunidade religiosa cantante, ou para o grupo que vai à guerra. A oxitocina muda tudo – para melhor ou para pior.

Aquilo que sentimos quando toca o Hino Nacional na final de uma Copa do Mundo – e que os argentinos nem tchum – só pode então ser o resultado da oxitocina, como hormônio da vinculação social, da celebração do pertencimento.

Para Herbert Brün, renomado professor de criação musical, o importante é compor músicas das quais ainda não se gosta; se o compositor cria coisas das quais já gosta, ou se o ouvinte apenas ouve aquilo que prefere, perde a oportunidade de vir a gostar de algo, sendo esse o processo realmente relevante de transformação cultural que a arte e a sociedade merecem.

Essa forma de pensar reconhece o domínio da emoção em música como o verdadeiro lugar do embate entre a construção de cultura ou de barbárie. Agora basta imaginar o que vai acontecer quando a pesquisa avançar um pouco mais sobre os efeitos da oxitocina (e correlatos) no processo de audição musical. Em princípio, será possível esquentar músicas consideradas absolutamente estranhas ou inóspitas, transformando-as em objeto de reverência estética e de pertencimento.

Isso que a indústria cultural já faz, mas com alto custo de engessamento do sistema – jabá, repetição incessante, promoção exaustiva de ídolos e ídolas, rejeição de valores jovens e distanciamento da qualidade –, poderá ser atingido apenas com a adição do hormônio

adequado à bebida predileta dos jovens, durante o show, concerto ou programa de televisão – se é que já não estão fazendo isso!

Através da força da neuromusicologia aplicada será também possível reverter preferências musicais. Fãs de rock seriam rapidamente convertidos ao pagode (depois de uma seção estimulada por oxitocina), chorinho e jovem guarda, bossa nova e rap – tudo vai depender do que for mais lucrativo para a indústria de produtos farmacêuticos (a grande responsável pela política musical do futuro).

Obviamente, a cultura letrada também poderá se aproveitar da descoberta, exigindo ciclos de vinculação aos mais diversos repertórios musicais... Não haverá mais seminário de pós-graduação em música sem o apoio da oxitocina.

Quem viver verá, ou ouvirá, ou ficará surdo.

Entrei por uma porta e saí pela outra...

Fonte: “Is music and evolutionary adaptation?” by David Huron, In: *The Cognitive Neuroscience of Music* (Oxford Press, 2004)